(Re) construindo subjetividades: relatos de práticas grupais em uma ILPI

Daiéle Cristina Colodzey Erd[1], Izaque Machado Ribeiro[2]

[1] Acadêmica do VII semestre no curso de Psicologia da Universidade Regional e Integrada do alto Uruguai e das Missões- Uri campus Santiago. E-mail: daieleerd@hotmail.com

[2] Psicólogo, mestre em Psicologia Social e Institucional. Docente do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- Uri campus Santiago. E-mail: izaquemachadoribeiro@gmail.com

Resumo

Este artigo visa relatar experiências em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) situada em uma cidade de pequeno porte no estado do Rio grande do Sul. As vivências no referido local ocorreram a partir da inserção de práticas grupais de estágio em Psicologia, associadas ao Projeto de extensão Núcleo de Capacitação e Estudos do Processo de Envelhecimento- NUCEPE, o mesmo tem por objetivo geral mobilizar a rede de ensino, assistência social, saúde e a comunidade em geral em torno de questões relacionadas ao processo do envelhecimento, tendo em vista a vulnerabilidade decorrente do envelhecimento e a necessidade de políticas públicas e processos sociais que reduzam seus impactos sobre indivíduo e sociedade, projeto vinculado a Universidade Integrada do Alto Uruguai e das Missões-Uri campus Santiago. A inserção da Psicologia permitiu perceber que os moradores da ILPI apresentavam dificuldades em dialogar sobre seus problemas cotidianos, trazendo muitas vezes um discurso institucionalizado, com poucas possibilidades de mudanças. A partir desse contexto, foram propostos encontros que objetivaram (re) construir as subjetividades destes moradores, e assim buscar movimentar sentidos e sentires em torno do espaço que estavam inseridos e então proporcionar novas vivências e trocas coletivas, pensa-se a ILPI como uma instituição total (GOFFMAN, 1961) e tem-se como perspectivas um grupo dispositivo (BARROS, 1996) e rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 2000). Com as intervenções realizadas, os moradores conseguiram (re) lembrar questões do seu passado, trazendo novos significados para elas, assim como falar sobre suas questões individuais, sofrimentos, alegrias, experiências e assim ressignificá-las.

Palavras chaves: Psicologia, Instituições totais, ILPI'S, Envelhecimento, Subjetividades.

Introdução

O processo de envelhecimento está interligado a questões sociais, biológicas, culturais, históricas e psicológicas, sendo que cada sujeito envelhece conforme sua subjetividade, mas sofre interferências de seu contexto, assim conforme Beauvoir (1990, p.15) "o homem não vive nunca em seu estado natural; na sua velhice, como em qualquer outra idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence".

Desta forma, pode-se pensar nas diferentes trajetórias culturais da velhice, ora sendo valorizados por seus conhecimentos ora sendo excluídos alegando incapacidade de produção e declínio físico, assim como traz o CFP atualmente (2009) "predomina uma visão estigmatizante do envelhecimento como lugar do improdutivo, do inválido". Sendo que os sujeitos são valorizados por sua capacidade de produzir, tendo como conjuntura esta atual sociedade capitalista.

Pensando neste mesma linha, o envelhecer está acompanhado de uma carga de estereótipos e estigmas, "a tendência no Brasil é a de valorizar o que é novo e desprezar o que é velho. A própria educação faz o "velho" se sentir um objeto fora de uso" (OLIVEIRA, 2002, p.38), pode-se destacar, por exemplo, que no mundo do trabalho, idosos são substituídos nas suas áreas de atuação por jovens, com a justificativa de que estes estão mais aptos para o trabalho.

Os estereótipos e estigmas geralmente estão relacionados com questões socioeconômicas e biológicas, Correa (2009, p.105) colabora trazendo que "a produção discursiva sobre a velhice contribui para a segregação do idoso, além de aprisioná-lo em estereótipos que o desqualificam", sendo que estes discursos causam no idoso grande perturbação, impedindo-o de reconhecer as suas potencialidades, consequentemente, gera rejeição sobre o processo de envelhecer e a velhice propriamente dita. Como destaca Oliveira (2002, p.44) "os próprios idosos toleram os limites que lhes são impostos, aceitando-os como algo natural cristalizado pela sociedade, impossível de ser contestado".

Não podemos negar que o processo de envelhecimento traz consigo algumas limitações físicas, cognitivas, psicológicas, sociais e biológicas, tendo como consequência para alguns idosos, a institucionalização, “o recurso à institucionalização, por vezes, é a única forma de proporcionar apoio, garantindo níveis de bem-estar favoráveis a uma inserção socioeconômica e influenciar, deste modo, a qualidade de vida dos idosos que vivem sós” (AMARO, 2013, p.31). Mesmo com a institucionalização dos sujeitos, pode-se pensar que a “velhice não estanca o processo de relações e de autodesenvolvimento e nem encerra o ciclo da vida, mas constitui um momento, uma etapa de ganhos num equilíbrio instável entre ambos” (CFP, 2009, p.63). O envelhecer mostra-se também como uma abertura para construir o novo, e não como um fim que se espera.

Levando em consideração estes aspectos, o artigo visa narrar práticas grupais do estágio em Psicologia, associadas ao Projeto de extensão Núcleo de Capacitação e Estudos do Processo de Envelhecimento-NUCEPE, os mesmos interligados a Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- Uri Campus Santiago. Estas práticas aconteceram no interior do RS, na região denominada Vale do Jaguari, em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos- ILPI. O prédio atual encontra-se em funcionamento desde 2004 e contava com 64 moradores no período do estágio, o qual teve duração de um semestre (março a agosto de 2017).

O estágio iniciou com um período de observação e em seguida foram realizadas práticas grupais, estas foram desenvolvidas com alguns dos moradores da instituição asilar, sendo que todos foram convidados, mas apenas alguns demonstraram interesse. O grupo costumava ter geralmente 5 participantes, acontecia semanalmente, sendo aberto para todos os moradores e com duração de uma hora. As atividades propostas ao grupo objetivaram (re) construir as subjetividades destes moradores e assim buscar movimentar sentidos e sentires em torno do espaço que estavam inseridos, assim como sobre os estereótipos e estigmas sociais e então proporcionar novas vivências e trocas coletivas, com uma participação ativa e mais autônoma destes moradores.

No decorrer do artigo, serão esclarecidas as abordagens metodológicas utilizadas como a observação ativa e participante (LUDKE E ANDRÉ, 1986), assim como a concepção de grupo dispositivo (BARROS, 1996) e rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 2000), possibilitando aprimorar e pensar as práticas grupais e o movimento que este grupo poderia ter. Estas abordagens metodológicas foram

pensadas para que houvesse possibilidades de propiciar movimentos e rupturas neste ambiente institucionalizado.

Assim como será apresentada uma revisão teórica, tendo como base a definição de Goffman (1961) sobre instituição total para pensar a ILPI. Em seguida serão redigidos os resultados obtidos, mencionando aspectos relacionados às relações e vivências entre os moradores, ao processo de institucionalização e como as práticas contribuíram para movimentar essas questões. Por fim as considerações finais, as quais aparentemente trouxeram uma melhoria na comunicação e um deslocamento do estado de estagnação para uma forma de autonomia e abertura para novas experiências.

Abordagens metodológicas

Inicialmente, utilizou-se uma observação ativa e participante, Ludke e André (1986) mencionam que esta possibilita um contato pessoal do pesquisador com o objeto pesquisado, estes ainda trazem que:

> O "observador como participante" é um papel em que a identidade do pesquisador e os objetivos do estudo são revelados ao grupo pesquisado desde o início. Nessa posição, o pesquisador pode ter acesso a uma gama variada de informações (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p.29).

A inserção ocorreu aos poucos e conforme o vínculo criava-se, abria-se a possibilidade de ofertar um espaço coletivo e de produção. Assim, como a possibilidade de ampliar as narrativas que eram trazidas por estes moradores, as conversas e observações tentaram abranger todos os moradores, funcionários, relações, cotidiano e as dinâmicas do local. Em conversas com as administradoras e com os moradores da ILPI, os encontros ficaram marcados para os sábados, com duração de uma hora. Os encontros aconteceram de modo informal, sendo que conforme os moradores estavam dispostos nos reuniamos, por exemplo, no refeitório ou no pátio, o grupo adaptava-se conforme o desejo e o contexto do dia.

Os encontros foram registrados em diários de campo, sendo que estes contribuíram para a realização destes relatos, assim como nas próprias práticas e nas supervisões acadêmicas. O diário de campo serve como um dispositivo de registros e interlocuções da/na pesquisa. Assim como o diário serve para ser o lugar de registro dos movimentos, das leituras, dos tempos, espaços e das observações que

ocorrem/ocorreram, enfim, do que na instituição e comunidade vimos, ouvimos e vivemos (OLIVEIRA, 2014).

A partir dessa observação inicial, possibilitou-se pensar a ILPI como uma instituição total, pois Goffman (1961) cita a instituição que visa cuidar de pessoas que são consideradas inofensivas e incapazes, que seriam as casas para cegos, órfãos indigentes e velhos, relacionando com algumas questões que o autor traz, como as normas que são impostas aos moradores do local, sendo que estes possuem horários controlados para refeição e higiene pessoal, assim como os priva de saídas do local,

tendo esse caráter de “fechamento”, por exemplo.

Partindo disto, as práticas grupais procuraram criar possibilidades da quebra de atividades individualizadas, rotineiras e possíveis formas de isolamento e solidão que podem surgir com o decorrer do tempo na instituição. Para dar embasamento para as práticas grupais foi utilizada a ideia de grupo dispositivo, “O trabalho com o dispositivo-grupo se dá no desembaraçamento das linhas que o compõem - linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação” (BARROS, 1996, p.103), o qual proporciona possibilidades de desconstruir e construir novas ideias e olhares para diversas situações e assuntos que rodeiam essas subjetividades e singularidades e para que então possam ser pensadas no coletivo.

Para pensar no grupo como dispositivo, ainda segundo Barros (1996) como aquele que põe a funcionar outros modos, inventa fugas é daí que o singular ganha expressão, emergindo do coletivo-multiplicidade, convidando as identidades ao mergulho na agitação das diferenças. Utilizando também a concepção de rizoma, Deleuze e Guattari (2000, p.31) trazem que “o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos”. Então, conectando várias histórias e possibilitando criar novas memórias e sentidos para a vida.

Deleuze e Guattari (2000, p.32) mencionam que “o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga". Sendo que, esta forma de pensar rizomática traz uma concepção de grupo horizontal e transversal, onde ele só existe com a colaboração de todos. O rizoma vai contra formas de hierarquia e de sistemas centrados, pode-se pensar que as estruturas e

nesse caso, a institucionalização, quebram o rizoma e o aprisionam, elas cortam as multiplicidades e também as subjetividades.

Então tendo como perspectiva grupal essa forma rizomática, é possível pensar em diversas possibilidades de intervenção, diversas linhas e alternativas, sem que haja uma linha reta para ser seguida, instigando um movimento, um crescimento grupal, buscando produzir autonomia e voz junto a estes moradores. “Quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz” (DELEUZE; GUATTARI, 2000 p.22), e para que haja possibilidade de entender o que se busca em um grupo, utilizou-se essa concepção de desejo como produção e como forma de movimento no real, buscando transbordar as práticas de sentires e sentidos que pudessem minimamente movimentar e (re) construir as subjetividades e assim trazer o sentimento de pertencimento e vinculação entre os participantes, propiciando em concomitância momentos de distração e diversão.

Reflexões teóricas

O processo de envelhecimento transcorre com alguns atravessamentos dentro de um ILPI, então para refletirmos sobre isto, considerou-se o contexto e o que estava instituído no discurso dos moradores do local, assim como suas subjetividades em vivenciar esse processo de envelhecer, atrelado a uma instituição. “Para se discutir e pensar a velhice tomamos como ponto de partida a consideração de sua heterogeneidade e de sua multidimensionalidade” (CPF, 2009, p.63).

Spirduso (2005, *apud* DÁTILO, 2015, p.112) “aponta para o fato de que doenças e estresse ambiental podem acelerar os processos básicos do envelhecimento, o que pode aumentar a vulnerabilidade da pessoa idosa”. Com o aumento da vulnerabilidade desses indivíduos e, em função das mudanças em termos de parâmetros familiares e no estado biológico, em muitos casos, o idoso é submetido à institucionalização em Instituições de Longa Permanência (ILPI’s). Para a ANVISA (2005), as ILPI’S são instituições governamentais ou não governamentais, destinadas à moradia coletiva de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar.

A ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) traz algumas condições de funcionamento para as ILPI’s, para que assim possam ser garantidos os direitos da população idosa. Dentre outros, a ANVISA menciona que a instituição deve

propiciar o exercício dos direitos humanos de seus moradores; assim como a garantia da identidade e da privacidade da pessoa idosa; procurando ser um espaço que promova a integração dos moradores da instituição com a sociedade e com os familiares e assim desenvolver ações que estimulem a pessoa idosa à manutenção de sua autonomia; entre outras condições. Mesmo sendo um lugar propício ao cuidado integral e aparentemente tendo como condição a preservação desta autonomia e da identidade dos moradores, o que se apresenta nas ILPI'S são cuidados voltados para higiene pessoal e alimentação, desconsiderando a autonomia destes, sendo que dificilmente o morador interage com o social, logo se pode perceber que não há essa promoção de saúde promovida pela instituição.

Deste modo, considerando o espaço que estava ocorrendo à inserção da Psicologia e das práticas, pensou-se a ILPI como uma instituição total, assim Goffman (1961, p.11) traz considerações sobre os efeitos desencadeados pela institucionalização na velhice.

> Instituição total pode ser definida como um espaço de residência e/ou trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante separados da sociedade mais ampla por um determinado período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada.

Goffman (1961) classifica as instituições totais em cinco categorias. A primeira seria para cuidar de pessoas incapazes de cuidar de si mesmas, mas que são consideradas um risco a comunidade. A segunda categoria seria para proteger a comunidade de perigos intencionais. A terceira instituição tem como objetivo ensinar determinadas tarefas de maneira adequada, como os quartéis. Em quarto lugar, há as instituições que são destinadas a servir de refúgio do mundo e para a formação de religiosos. E em quinto lugar, temos as instituições destinadas para cuidar de pessoas que são consideradas inofensivas e incapazes, que seriam as casas para cegos, órfãos indigentes e velhos, neste caso entram as instituições denominadas asilos, ou seja, as ILPI's.

Estas instituições podem ser denominadas como desertos da solidão (ELIAS, 2001), Pimentel (2001 apud AMARO, 2013) contribui trazendo que a institucionalização, pode implicar certo número de perdas, como a perda da intimidade, da privacidade, da autonomia, entre outras. As ILPI's institucionalizam regras, normas e neste mesmo raciocínio, pode-se pensar que institucionaliza o viver e o ser de cada morador (GOFFMAN, 1961), deste modo os moradores tornam-se meros reprodutores de atividades cotidianas necessárias à sobrevivência física.

Conforme Beauvoir (1990, p.564) “um abismo vertiginoso se cava: o tédio se torna tão profundo, que suprime toda a possibilidade, e até mesmo todo o desejo de se distrair”, tal como menciona Goffman (1961, p.24) “o seu eu é sistematicamente, ainda que de forma não intencional, mortificado”.

Considerando estes mesmos autores, os moradores residiam em um local compartilhado e coletivo, mas geralmente estes moradores tornavam-se solitários, alheios aos outros moradores ou com certo incomodado por precisar compartilhar “sua vida”, desse modo, tornando-se apáticos diantes da rotina e das relações que poderiam ser construídas. Beauvoir (1990, p. 553) expressa estas questões dizendo que, “não querer nada, não fazer nada é condenar-se a sinistra apatia na qual mergulham tantos aposentados. O triste é que é difícil encontrar razões para agir, quando são vedadas as antigas atividades”.

Ao adentrar uma ILPI a posição que a pessoa ocupava na sociedade, assim como na sua percepção sobre si, suas vivências e sua subjetividade, acabam tendo alterações drásticas, “o poder e o status das pessoas mudam, rápida ou lentamente, mais cedo ou mais tarde, quando elas chegam aos sessenta, aos setenta, oitenta ou noventa anos” (ELIAS, 2001, p.44), este mesmo autor ainda menciona que a admissão em uma ILPI significa uma ruptura com os laços sociais/ comunitários e familiares. Embora nas ILPI’s não sejam proibidas as visitas vindas de fora, existem horários para que estas ocorram, sendo que as visitas dos familiares/ amigos de alguns dos moradores, no período de estágio eram bem reduzidas, estes geralmente frequentavam o espaço uma vez por mês, nos outros casos, não ocorriam visitas com frequência, tendo como consequência essa ruptura nos laços como mencionado.

Mesmo tendo algumas resistências iniciais, tanto pela parte dos dirigentes e funcionários, assim como dos moradores, as práticas foram desenvolvidas e obtiveram um resultado significativo. Assim, ao iniciar o estágio e as trocas com os moradores, utilizou-se a concepção de que estes “são indivíduos donos de sua história e da história de seu tempo. Têm discernimento, capacidade de escolha e experiência, condições que devem ser respeitadas. Envelhecer implica perdas, mas também em ganhos” (CFP, 2009, p.109). Considerou-se todo o contexto institucional, os estereótipos e estigmas culturais, como a ILPI sendo uma forma de instituição total, mas também um espaço alternativo para que os sujeitos possam receber um cuidado, o qual a família não conseguiu proporcionar, e a partir disto, pensou-se sobre os

movimentos, linhas e rupturas que poderiam ser construídas e (re) construÍdas e que serviriam como objetivo do grupo com os moradores.

Resultados- Vivências e ressignificações.

Nas observações feitas, assim como nos primeiros encontros grupais, buscou-se explorar as experiências subjetivas destes participantes, se haviam relações e trocas entre os moradores, bem como se investigou as suas percepções acerca da instituição. De um modo geral, os participantes do grupo mencionaram que conversavam com apenas duas ou três pessoas daquele espaço e que os outros moradores seriam como *"estranhos para eles*". Sobre suas percepções acerca do local, descrevem um local monótono e passageiro, relatos como *"estou apenas esperando a morte"; "fico o dia todo sentado, esperando o dia passar"*; "*fico só olhando televisão*" expressam o sentimento de alguns dos moradores, outras narrativas mencionam o local como o único lugar que poderiam estar, e que é agradável "*meu marido morreu, aí pra não morar sozinha, vim pra cá"; "eu gosto daqui, é tudo limpo e a comida é boa"; "a gente parece uma grande família".*

Devido às diversas subjetividades que compõem o local, encontram-se percepções favoráveis, assim como desfavoráveis acerca do local e modos de vivenciar este espaço. Durante o período de estágio possibilitou-se conhecer algumas outras questões, relacionadas à autonomia, trabalho e educação. Com relação à educação, grande parte dos participantes narrou que havia estudado apenas até a 5ª série, possuindo apenas conhecimentos mais básicos, mas mencionaram que sentiam falta de estar em contato com novos aprendizados, assim como de escrever, ler e desenhar. Com relação ao trabalho, narrativas como *"sinto falta de trabalhar, de capinar e plantar"; "eu gostava de cozinhar e sinto falta até de varrer a casa"; "aqui a gente não pode ajudar em nada"*, pode-se pensar que estes discursos apresentaram um sentimento de exclusão, o qual é culturalmente imposto, pois não podem mais trabalhar/produzir, conforme Bosi (1994, p.77) "a sociedade rejeita o velho (...), perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor" e uma aparente falta de pertencimento a ILPI por não poderem colaborar com os afazeres.

Com relação à autonomia dos moradores, os participantes trouxeram narrativas como *"se eu quero comprar uma coca, preciso pedir pro cuidador comprar"*; *"eu fico com uns trocados e se não escondo bem, me roubam"; "eu só posso fumar um cigarro por dia, e quando elas me dão"; "eu gosto de cabelo comprido, mas aqui não posso*

ter”. De uma forma geral, a autonomia destes moradores torna-se algo quase inexistente, pois precisam acatar as normas da instituição, consequentemente precisam pedir permissão ou auxílio para, por exemplo, realizar uma ligação, gastar seu dinheiro ou fumar um cigarro, então, Goffman (1961, p.44) auxilia a ponderarmos sobre questões relacionadas a esse assujeitamento dos moradores:

> Uma das formas mais eficientes para perturbar a "economia" de ação de uma pessoa é a obrigação de pedir permissão ou instrumentos para atividades secundárias que a pessoa pode executar sozinha no mundo externo, - por exemplo, fumar, barbear-se, ir ao banheiro, telefonar, gastar dinheiro, colocar cartas no correio. Essa obrigação não apenas coloca o indivíduo no papel submisso, "não-natural" para um adulto, mas também permite que suas ações sofram interferências da equipe diretora.

Alguns moradores conseguem manter objetos particulares como rádio, relógio e fotos suas e dos seus familiares, mas a maioria acaba utilizando de modo compartilhado todas as coisas, como roupas e calçados. Em algumas narrativas os moradores trouxeram que não possuem objetos somente seus, pois estes acabam sumindo ou se perdendo na instituição. Outra questão para pensar, é que lhes é imposto o corte de cabelo, assim como horários para refeições e higiene pessoal. Segundo Goffman (1961) os bens individuais têm uma grande importância e uma forte relação com o eu e com a subjetividade, cada pertence possui um significado singular para seu portador. Cada estilo de vestir, de se pentear, se maquiar, cortar os cabelos, enfim, cada maneira singular de se portar exigiria esforços que são impraticáveis na rotina de uma instituição total, a institucionalização gera uma desfiguração pessoal.

Através da escuta das narrativas dos moradores da ILPI, propiciou-se um espaço de valorização dos seus discursos e de seu conhecimento. O espaço grupal constituiu-se como sendo de pertencimento e de reconhecimento mútuo do processo de envelhecimento. “De fato, constituímo-nos como subjetividades por meio de nossas relações com outros, no plano intersubjetivo” (DÁTILO, 2015, p.104).

Ao apresentar alguns materiais como folhas de ofício, canetas e lápis coloridos, sugeriu-se que desenhassem algo que havia marcado sua vida, ou que havia sido importante. Os participantes apresentaram uma dificuldade inicial, trazendo que não realizam estas atividades há muito tempo e que não sabiam mais, mas com o decorrer no encontro conseguiram desenhar e relatar fatos de sua história, nos desenhos haviam familiares, suas antigas casas, assim como panelas e chaleira e os “animais que criavam” como, galinhas e porcos. Esta atividade produziu um diálogo muito

produtivo e circular, sendo que os participantes conseguiram pensar e lembrar sobre seus familiares e assim relatar alguns dos seus momentos subjetivos. Pensando sobre algumas questões Silva (2002, p.71) menciona que:

> Trabalhar a memória como autobiografia é revelar a própria identidade e o modo como foi construída de modo coletivo. Nessa construção do conhecimento socializado, a subjetividade é revelada quando todos podem expressar suas reminiscências.

Ao utilizarmos o curta-metragem Dona Cristina perdeu a memória (direção de AZEVEDO, 2002) foram trabalhadas questões como Alzheimer, memória e relações de amizade. Obteve-se no primeiro momento uma resposta negativa do grupo, pois possuíam dificuldade em ouvir e manter a atenção focada no vídeo, mas apesar disto, narrou-se a história e os discursos e reflexões ocorreram naturalmente. Os participantes mencionaram questões como "*minha memória não funciona como antes"; "não gosto muito de filmes"; "eu tinha muitos amigos" "sinto saudades dos colegas da escola"; "ainda lembro de todos os colegas da escola"*. Os participantes evocaram suas histórias pessoais, sobre seus amigos da infância e sobre vivências familiares. Conforme um relato acontecia, outro participante do grupo lembrava-se de uma vivência relacionada e assim foram se dando as narrativas e movimentos através de uma proliferação que poderíamos chamar de rizomática. De acordo com Deleuze e Guattari (2000, p.8) o rizoma é uma espécie de mapa, o qual "é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente". Assim se constituíam os grupos com os moradores, se propondo a produzir desterritorializações, criação de novos mapas existenciais.

Ecléa Bosi (1994) afirma que a narração é uma forma artesanal de comunicação, e que seria similar a uma obra de arte. Neste sentido, "a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento de paisagens cara, pela desaparição de entes amados" (BOSI, 1994, p.82). Poder contar suas histórias, conforme a autora supracitada possibilita uma finalidade de vida, o que torna a escuta dessas narrativas significativa, sendo que "o vínculo com outra época, à consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência" (BOSI, 1994, p.82), possibilitando, neste caso, ao morador relatar suas experiências e aprendizados.

Ao narrarem sua infância, os participantes relatam que seus brinquedos eram feitos com os acessórios que possuíam em sua casa, como por exemplo, sabugo de

milho. Pensando em trazer para estes moradores que o envelhecimento é um processo e é possível ter novas experiências, foram propostas algumas brincadeiras, como o jogo da memória (este jogo consiste em pares de peças, as quais ficam com as imagens viradas para baixo e com o passar do jogo é necessário memorizar a imagem que o colega tirou para que assim consiga descobrir onde estão as duas imagens). Os participantes trouxeram que era difícil, mas com o decorrer do jogo começaram a compartilhar “suas memórias das peças”, um ajudando o outro. O segundo jogo proposto foi o jogo de quebra-cabeça, neste os participantes tiveram muita dificuldade em conseguir montar, pois para eles, aparentemente não fazia sentido juntar as peças, mas com a colaboração grupal, foi possível construir a imagem.

Outra atividade proposta foi à utilização de massa de modelar, a qual os participantes experienciaram pela primeira vez. Ao manejar a massa de modelar sentiram uma sensação estranha e não sabiam o que fazer com ela. Em outros momentos foram propostos desenhos novamente, com tintas e com lápis de cores, sempre buscando expressões de suas singularidades e uma narrativa acerca do que estavam produzindo. Conforme as narrativas iam sendo produzidas, estas iam sendo exploradas por diversos ângulos, movimentando e (re) construindo novos sentidos. Todos os encontros proporcionaram que os participantes pudessem narrar suas histórias, infantis, adolescentes, adultas, antes da institucionalização e na instituição, sendo que as atividades propostas serviam como um dispositivo e como uma forma de preencher este tempo livre. Conforme Silva (2002), neste enfoque, o eixo é o idoso, o seu bem estar. As prioridades estabelecidas volta-se para o que gosta de fazer, o que lhe causa alegria, o que o deixa bem humorado.

Com o passar dos encontros, houve uma quebra nesta rotina institucionalizada e até mesmo antes do grupo iniciar, já sentavam em lugares próximos e conversavam. Sendo que se pode dizer que o grupo se autogeria, deste modo Baremblitt (2002, p.19) menciona que “os coletivos mesmos deliberam e decidem. Eles têm maneiras diretas de comunicar as decisões. Existem hierarquias moduladas pela potência, peculiaridades e capacidade de produzir; mas não há hierarquias de poder, ou seja, a capacidade de impor a vontade de um sobre o outro”. Outra questão significativa está relacionada com os participantes do grupo construírem este espaço de confiabilidade e segurança e assim dialogar e (re) lembrar suas singularidades,

trazendo lembranças do que gostavam de comer; atividades que realizavam em suas residências e locais que gostavam de visitar e passear, entre outros..

> Essas relações remetem à questão da subjetividade, que é construída com base na interação da pessoa com seu grupo e com os elementos da cultura. Na velhice, ela é da maior relevância para a adaptação, por moderar a influência dos riscos e das perdas físicas, psicológicas e sociais sobre a funcionalidade física e cognitiva e sobre o bem-estar subjetivo. (CFP, 2009, p. 109)

A realização do grupo contribuiu para que os moradores pudessem estar ativos e assim com suas funcionalidades físicas e cognitivas em movimento. Foi possibilitada também a vivência de diferentes emoções, reações e sentimentos. Como houve uma grande mudança entre os participantes do grupo e um vínculo forte entre eles se constituiu, foi criado um álbum de memórias como forma de mostrar tudo o que eles estavam construindo, as relações que foram criadas e que não havia problema em não lembrar algumas vivências. O álbum continha fotos dos encontros realizados e era levado algumas vezes durante o semestre para recordarmos.

> A fotografia é dispositivo. Olhar para o mesmo com o olhar da diferença. Capturar o que se olha, cortar o tempo. Prolongar o tempo entre o que se olha e o que se deseja cortar. (..) Produzir outros olhares em torno das experiências dos sujeitos para que se impliquem nestes contextos e relações e permitam a construção de significações que circulem, estranhem, aproximem e afastem sentidos. (GUARESCHI, 2008, p. 51).

E no último encontro perguntou-se para os participantes se gostariam de criar um nome para o grupo, logo passou a chamar-se de “Grupo da Amizade”, o que aparentemente diz muito sobre a dinâmica criada entre os participantes e a forma como as atividades trouxeram “vida” para estes. Em alguns discursos também houve a possibilidade de concluir que este espaço foi produtivo e significativo: "– *estava esperando chegar sábado e parecia que tava tão longe”* e *“que bom que tu vem”*. Desta forma, conclui-se que as práticas coletivas possibilitaram aos participantes a experiência de um espaço subjetivo, compartilhado e construído com a colaboração dos participantes, obtendo diversos movimentos e novas (re) construções acerca de si, das suas memórias e vivências.

A seguir, fotos de alguns dos momentos compartilhados e construídos com o Grupo da Amizade, as fotos foram autorizadas pelos participantes.



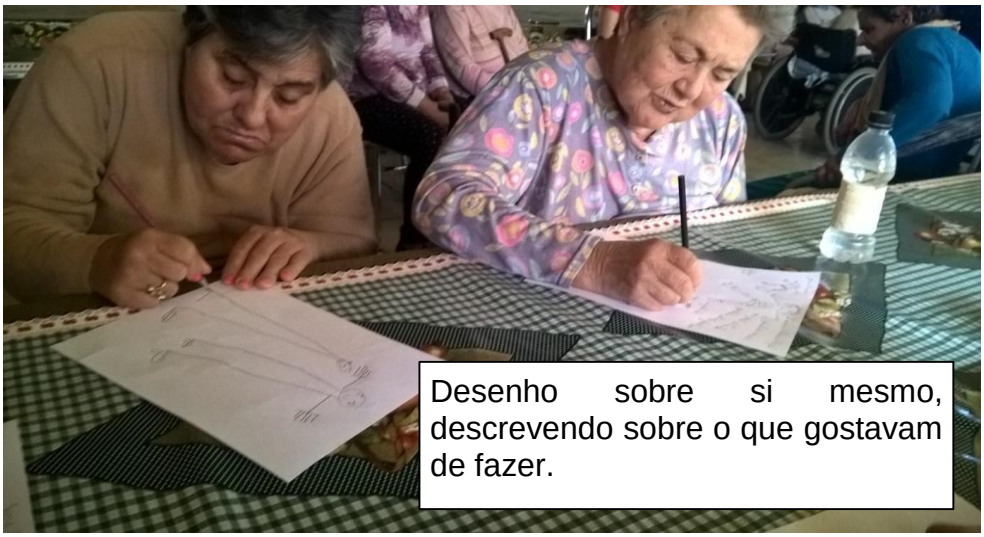
Jogo: QUEBRA-CABEÇA



Desenho sobre si mesmo, descrevendo sobre o que gostavam de fazer.



Jogo da memória



Desenho sobre si mesmo, descrevendo sobre o que gostavam de fazer.

Considerações finais

As práticas grupais possibilitaram diversas vivências e momentos compartilhados, acredita-se que os participantes puderam vivenciar um espaço singular, o qual possibilitou (re) construir suas subjetividades, observando que houve uma mudança nos participantes e um crescimento coletivo, visto que com o decorrer das atividades estes buscaram ter mais autonomia, realizando as atividades da sua maneira, conseguindo expressar suas singularidades e recordando histórias, pessoas e momentos.

Não se pode negar o poder da institucionalização e como este espaço acaba gerando solidão, isolamento social e sofrimento para os moradores que estão nesta instituição. Com o estágio houve possibilidades de dialogar minimamente sobre esses sofrimentos e assim ressignificar algumas vivências, além de possibilitar a criação de vínculos entre os moradores. De maneira geral, foi um estágio com uma multiplicidade de significados, o qual viabilizou ver e conviver com diversas faces, jeitos e singularidades de lidar com o envelhecimento e se adequar às normas da instituição, assim como olhar, escutá-los e experienciar a estagnação do tempo.

Finalizamos com o posicionamento de CFP (2009, p.173) acerca do papel da Psicologia: “que é convocada a criar estratégias nas suas diferentes áreas de prática profissional, que possibilitem o surgimento de condições para a produção de um novo tipo de subjetividade". Esperamos que este artigo possa ter contribuído para repensar estratégias de atuação na área de Psicologia, que levem em consideração o envelhecimento humano, a subjetividade e a construção de espaços onde seja possível movimentar o processo de envelhecer e assim trazer novas ressignificações.

Referências

AMARO, Maria Manuela Geraldes. A transformação da identidade em idosos institucionalizados (um estudo de casos múltiplos). 2013. Tese de Doutorado. Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação.

ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RDC nº 283, de 26 de setembro de 2005. Regulamento técnico para o funcionamento das instituições de longa permanência para idosos. Brasília, 2005.

AMARO, M.M.G. A transformação da identidade em idosos institucionalizados (em estudo de casos múltiplos). 2013. Tese de doutorado. Instituto Politécnico de Bragança

BAREMBLITT, Gregorio F. (2002) Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática, 5ed., Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari (Biblioteca Instituto Félix Guattari;2)

BARROS, Regina. Dispositivos em ação: o grupo. Cadernos de subjetividade, v. 1, p. 97-106, 1996.

CFP, Envelhecimento e Subjetividade: Desafios para uma cultura de compromisso social. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF, 2009.

CORREA, Mariele Rodrigues. Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade. São Paulo: Unesp Cultura Acadêmica, 2009.

DÁTILO, G. M. P. A; CORDEIRO, A. P. Envelhecimento Humano: diferentes olhares. Marília: Oficina Universitária, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. MIL PLÂTOS: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, 2000. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa.

DONA Cristina perdeu a memória. Direção de Ana Luíza Azevedo. 2002. (13 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GB3adGkOQmw>.

ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos–seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Tradução: Plínio Dentzien.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 1961. Tradução: Dante Moreira Leite.

GUARESCHI, N. M. F. Olhar vidas: a fotografia em uma pesquisa-intervenção. Porto Alegre: Zouk, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, R. C. M. (Entre) linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in) formação na/da abordagem (Auto) biográfica. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, v. 2, n. 4, p. 69-87, 2014.

OLIVEIRA, R. C. S. Teorias, conceitos e preconceitos. In: A terceira idade/ serviço social do comércio. Envelhecimento: a morte dos sonhos ou o gerenciamento do tempo? Vol. 13, nº 25. São Paulo: SESC serviço social do comércio, 2002. cap. 3. p. 37-53. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/555_envelhecimento+a+morte+dos+sonhos+ou+o+gerenciamento+do+tempo>.

SILVA, T. M. N. A construção de uma pedagogia para o idoso. In: A terceira idade/ serviço social do comércio. Envelhecimento: a morte dos sonhos ou o gerenciamento do tempo? Vol. 13, nº 25. São Paulo: SESC serviço social do comércio, 2002. cap. 5. p. 63-77. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/555_envelhecimento+a+morte+dos+sonhos+ou+o+gerenciamento+do+tempo>.